

HORTA E COMPOSTAGEM: UMA PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA

ANIELE CASTRO KONFALNZ¹; **DULCINÉIA ESTEVES SANTOS**²; **LÁZARO HENRIQUE DOS SANTOS PEREIRA**³; **MARIELEN PRISCILA KAUFMANN**⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – castroaniele88@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – dulcineaestevessantos@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lazaro.h.santos@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – marielen.kaufmann@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

As hortas comunitárias geralmente surgem como iniciativas de baixo para cima e são cuidadas coletivamente. Eles não são apenas sobre o cultivo de vegetais, mas também sobre o crescimento de redes sociais, a construção de locais de encontro e o estabelecimento de um senso de comunidade. O seu caráter coletivo é, portanto, essencial. A própria comunidade estabelece as regras e a organização (SIMON-ROJO, 2015).

De acordo com estudos de Ribeiro (2019), as hortas comunitárias são estratégias de agricultura urbana e contribuem sobremaneira para a Segurança Alimentar e Nutricional dessas populações. Em Pelotas-RS, várias hortas são mantidas por populações, em geral, residentes em áreas mais afastadas da região central e que, em muitos casos, apresenta boa parte da população em condições de vulnerabilidade social.

Um exemplo, é a horta da Casa do Estudante Universitário (CEU) da Universidade Federal de Pelotas, que está situada na rua Três de Maio. A horta surgiu no contexto da pandemia da Covid-19, quando a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAE) ofertava kits de hortifruti da agricultura familiar para moradoras e moradores da CEU, com intuito de melhorias nutricionais, conquista essa através de reivindicação de estudantes. A partir do aumento da produção de resíduos orgânicos, uma moradora, discente do curso de Medicina Veterinária, em parceria com outro discente, do curso de Agronomia, juntaram esforços para conseguir material para delimitar a área a ser explorada. A primeira, em uma reunião online, com o pessoal da CEU e a Pró-reitora da PRAE àquela época, pediu permissão para usar parte da área verde, com fins pedagógicos de depósito de resíduos orgânicos e posteriormente organizar “uma horta comunitária”, a proposta foi aceita. Com a permissão, as próximas ações foram a delimitação de um área e a busca por materiais secos para cobrir o material orgânico a fim de construir a composteira.

A vida universitária, marcada por desafios acadêmicos, sociais e financeiros, exige dos estudantes a busca por estratégias para promover o bem-estar e a qualidade de vida. Nesse sentido, as hortas comunitárias emergem como um espaço de cultivo não apenas de alimentos, mas também de relações interpessoais, de conhecimento e de práticas sustentáveis. Este estudo propõe uma análise aprofundada do papel das hortas comunitárias na vida universitária, investigando como essas iniciativas podem contribuir para a construção de comunidades mais solidárias, para a promoção da educação ambiental e para o desenvolvimento de habilidades práticas.

A partir de uma pesquisa qualitativa com estudantes envolvidos em projetos de hortas comunitárias, busca-se compreender as experiências e percepções dos

participantes em relação a essa prática, bem como os desafios e oportunidades envolvidos na implementação e manutenção dessas iniciativas em ambientes universitários.

2. METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa foi elaborado um formulário virtual no *Google forms* contendo sete perguntas, sendo seis objetivas e duas discursivas, que foi divulgado na rede social WhatsApp®, no grupo de mensagens dos moradores da casa do estudante universitário da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O objetivo da pesquisa foi obter informações acerca do conhecimento dos moradores da casa do estudante universitário sobre a Composteira/Horta comunitária da casa. A pesquisa também contou com a entrevista de forma on-line com dois moradores da CEU, os que articularam e tiveram a ideia da horta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com doze moradores da casa do estudante universitário. Quando questionados sobre o conhecimento a respeito da horta comunitária, todos os participantes afirmaram tê-lo. No entanto, ao serem indagados sobre o hábito de destinar resíduos orgânicos para a compostagem, sete participantes responderam negativamente, enquanto cinco afirmaram já ter feito isso. Quanto à frequência com que descartam resíduos na horta, cinco participantes nunca o haviam feito, dois o faziam semanalmente, outros dois mensalmente, e um apenas uma vez.

Ao serem questionados sobre a importância da horta em áreas urbanas, cinco moradores a consideraram muito importante, dois a consideraram importante e um se mostrou neutro. As respostas discursivas revelaram uma visão abrangente sobre os benefícios da horta comunitária. Um dos participantes destacou: "*Sustabilidade, economia doméstica, contribuição para educação ambiental, incentiva a responsabilidade social e ambiental, nos deixando mais conscientes do impacto das nossas ações no meio ambiente ao redor.*" Outra resposta ressaltou que: "*Espaços de compostagem e hortas na comunidade da CEU podem promover sustabilidade ao reduzir resíduos e incentivar o reaproveitamento de matéria orgânica, além de oferecer acesso a alimentos frescos e saudáveis. Esses locais também proporcionam oportunidades de educação ambiental, fortalecem laços sociais entre os moradores.*" Uma das perguntas discursivas era sobre a dificuldade de manter a Horta no prédio, um dos participantes destacou:

Falta de engajamento e participação dos moradores: A horta e os projetos de compostagem exigem envolvimento contínuo da comunidade. No entanto, muitos estudantes podem ter uma agenda apertada, o que dificulta a disponibilidade de tempo e energia para cuidar desses espaços. E Infraestrutura inadequada: A falta de espaço físico adequado, materiais de cultivo, ferramentas agrícolas, sistema de irrigação, ou até mesmo insumos básicos, como sementes e fertilizantes, pode limitar o desenvolvimento desses projetos.

Na entrevista com os dois organizadores da horta podemos notar que a horta é algo totalmente dependente dos moradores da CEU sem apoio da universidade, além da permissão do espaço utilizado. Na entrevista foram feitas duas perguntas

discursivas onde eles narram como foi a criação da horta. Discente de veterinária: “*foram mais de um objetivo, na verdade. A ideia seria ter um local apropriado de otimização dos resíduos sólidos orgânicos; ter um espaço para cultivar plantas de chá e hortaliças e proporcionar o contato com a terra e relação de acompanhar o desenvolvimento das plantas.*” discente de Agronomia:

Meus pais sempre tiveram, nem que fosse num pequeno espaço da casa, uma área com plantas. Eu cresci vendo minha mãe sempre cuidando das plantas e nos incentivando e ensinando a cuidar. Ao me mudar para Pelotas e ter que enfrentar o início do período de pandemia aqui, ter a horta para trabalhar me aproximava desse lugar familiar.

Para além desse espaço afetivo, é muito válido pensar em dar utilidade a espaços de forma que seja útil, seja bonito e que ademais pudesse oferecer conforto e bem-estar.

A segunda pergunta da entrevista foram sobre os desafios de da construção da horta aqui temos as narrativas, a discente de veterinária “*delimitação da área; incentivo, via grupo whatsapp para separar os resíduos, pedido de resíduos orgânicos (esterco de cabra) a prestadora de serviço da CEU e organização da composteira de chão.*” Discente da agronomia:

A princípio não foram utilizadas metodologias para criação do espaço. Diria que eu e a colega Dulcineia, trabalhamos com base nas nossas vivências, nas lembranças que tínhamos dos nossos espaços. E adaptamos esse conhecimento empírico com base no que gostaríamos de construir. Para a construção do espaço físico da horta, foram utilizados insumos e ferramentas simples: madeira de pinus, serrote, martelo e pregos. Em relação ao funcionamento inicial do espaço como composteira, apesar de termos noção do funcionamento e dos diversos tipos de composteira, tivemos que nos ater aos materiais e recursos disponíveis: resíduos advindos dos moradores, folhas secas encontradas nas ruas e coletadas, resto de poda, esterco de cabra e, uma lona para cobrir.

Apesar de todos os moradores demonstrarem conhecimento sobre a horta comunitária, as práticas relacionadas à compostagem e ao descarte de resíduos apresentaram variações significativas. Essas variações impactaram o papel das hortas comunitárias na promoção de hábitos alimentares mais saudáveis. O acesso facilitado a alimentos frescos e cultivados localmente pode incentivar o consumo de frutas e verduras, contribuindo para a saúde física dos envolvidos (WAKEFIELD *et al.*, 2007). Além disso, as hortas podem funcionar como uma solução local para a insegurança alimentar, que afeta populações de baixa renda em centros urbanos. Ao cultivarem seus próprios alimentos, os indivíduos conseguem complementar suas dietas de maneira mais acessível e sustentável.

As hortas comunitárias também servem como ponto de encontro e interação social, fortalecendo os laços comunitários. Segundo Glover *et al.* (2005), as interações sociais dentro dessas hortas criam uma rede de apoio social que pode aumentar o capital social dos participantes, promovendo uma sensação de pertencimento e identidade coletiva. Isso é particularmente importante em ambientes urbanos, onde as relações podem ser mais fragmentadas e o isolamento social mais comum.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa destaca a importância das hortas comunitárias como espaços que vão além da simples produção de alimentos. Elas promovem a sustentabilidade, a educação ambiental, e fortalecem os laços sociais, especialmente em comunidades universitárias como o caso da CEU da UFPel. No entanto, o estudo também revela desafios significativos, como o engajamento insuficiente dos moradores e a infraestrutura limitada, que dificultam a manutenção e o crescimento desses projetos.

As hortas comunitárias emergem como ferramentas valiosas para enfrentar a insegurança alimentar, promover hábitos alimentares saudáveis e fomentar a conscientização ambiental. Além disso, elas funcionam como locais de encontro e convivência, fortalecendo o senso de comunidade e criando redes de apoio entre os participantes. A criação e a manutenção dessas hortas, como ilustrado pelos depoimentos dos organizadores, refletem o valor de iniciativas coletivas e colaborativas, que, embora enfrentam desafios, possuem um potencial transformador das realidades em que estão inseridas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLOVER, T. D.; PARRY, D. C.; SHINEW, K. J. Building relationships, accessing resources: Mobilizing social capital in community garden contexts. **Journal of Leisure Research**, v. 37, n. 4, p. 450-474, 2005.

RIBEIRO, J. L. L. **Agricultura urbana: o caso da Horta do Pestano - Pelotas / RS.** 2019. 107f. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas. 2019.

SIMON-ROJO, M. Da Jardinagem urbana à agricultura urbana In: LOHBERG,F.L.; LICKA, L.; SCAZZOSI, L. **Agricultura urbana europeia.** Madri: Editora Jovis, 2015, p.24-31.

WAKEFIELD, S. et al. Growing urban health: community gardening in South-East Toronto. **Health promotion international**, v. 22, n. 2, p. 92-101, 2007.